

AS VOZES DO TRIUNFO: NARRATIVAS DE SI DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Aldenise Cordeiro Santos

Universidade Tiradentes - UNIT

Resumo: Esta é uma pesquisa de doutorado que caminha por pensar a produção discursiva acerca da mulher na escola contemporânea. Com o objetivo de compreender as instâncias e caminhos, por meio do qual se construiu, na instituição escolar, formações discursivas e saberes acerca da mulher. Utilizo a genealogia como abordagem metodológica. Entretanto, não busco uma identidade de mulher, mas sim, percorrer os diferentes enunciados, imagens, subjetividades, ações, objetos, espaços, camadas, discursos e saberes produzidos a seu respeito. Por meio de entrevistas com professoras, do povoado Triunfo, da cidade de Simão Dias, do interior de Sergipe, irei traçando narrativa de si dessas docentes que atuam na comunidade, junto as intercessões teóricas. São três professoras que atuam na educação básica, que em suas narrativas sinalizam elementos que compõe a docência, como o longo e infinito caminho da formação. Portanto, proponho pensar produção discursiva acerca da mulher na escola contemporânea, numa construção genealógica das diversas camadas que compõe o conceito mulher, que também tem sua composição nos espaços escolares.

Palavras-chave: professora, mulher, produções discursivas.

Introdução

Nós viemos a ser, nós nos tornamos. Mas não mudamos tanto assim. Nós nos fazemos com aquilo que somos. (PENNAC, 2008, p.82)

Na educação contemporânea professores e pensadores tentam explicar a falência da escola, muitas de suas argumentações para os problemas educacionais perpassam a formação, a (in) disciplina, a terceirização da educação das crianças feitas pelos pais, até chegarmos à questão da diferença, muitos debates teóricos transcorreram. É eminente como a produção da diferença e suas implicações têm incidido na educação, a escola têm se especializado em sua produção maquinaria, que incide no desejo atuando como uma fábrica da produção de subjetividades.

Reinteramos conceitos que nos são ensinados com o propósito da manutenção do modelo de sociedade ocidental e capitalista. Por vezes, pensamos que estamos vivenciados processos de mudanças e avanços, mas não nos damos conta que novos enquadramentos são propostos. A diferença foge em suas brechas. Somos assim, convencidos mais uma vez a tentar nos encaixar no molde. Quanto a esta produção, entendo que subjetividades são

ilimitadas em suas mais diversas possibilidades. Para Feldens, “a subjetividade não é um conceito que se estreita em um determinado domínio – ela está imanente e abarca os mais imprevisos e inusitados espaços” (2008, p.201). Ainda compreendo que subjetividades não se limitam ao sujeito uno como defendido pelo movimento cartesiano, elas são fluídas e ilimitadas.

Toda a ação que está organizando as materialidades de nossa sociedade produz subjetividades. Toda a subjetividade é coletiva e singular e todo o movimento, todo o deslocamento e afecções produzem subjetividades. Uma ação pode produzir agenciamentos desta subjetividade assim como suas linhas de fuga; são ações que produzem o tempo e todo o tempo estamos atravessados por ambas as linhas e mais ainda outras mais. (FELDENS, 2008, p.83)

Portanto, o estabelecimento de verdades tem incidido na produção discursiva e de saberes acerca da mulher na educação. Aliás, os territórios educacionais têm gerado múltiplas diferenças. O conceito mulher que lidamos corriqueiramente, em nosso cotidiano, também é uma diferença que foi produzida pela instituição do modelo de educação moderna e que está presente na formação de professores atual.

Portanto, esta é uma proposta de pesquisa para pensarmos além das trincheiras e demarcações culturais impostas entre homens e mulheres. Essa divisão é o próprio cerne da discussão, porque exclui a diferença, o outro desviante desse enquadramento. Não podemos continuar na condição de educadores a perpetuar a exclusão do outro, do diferente e do dessemelhante em nossos processos educativos.

Metodologia

Utilizo da genealogia como procedimento da pesquisa, porque é a partir dela que busco entendimentos sobre a construção de saberes acerca da mulher. O método genealógico foi pensado por Nietzsche com elementos apresentados nas obras *Genealogia da Moral* (1887), *Gaia Ciência* (1882) e *Humano Demasiadamente Humano* (1880), e posto em prática por Foucault na *História da Sexualidade* (1976), *Vigiar e Punir* (1975) e *Arqueologia do Saber* (1969), em que se faz uma análise da produção de saberes, para explicar como são estabelecidas as relações de poder. O Foucault genealogista examina as relações entre o

poder, o saber e o corpo na sociedade moderna.

A genealogia se opõe à pesquisa da origem, não pode ser rebaixada apenas a isso, ela caminha por outros sentidos porque “restabelece os diversos sistemas de submissão; não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações” (FOUCAULT, 1979, p.23). Por exemplo, na História da Sexualidade Foucault indica que buscou as instâncias de produção discursiva e de produção de poder para construir uma história desses elementos e de como se transformaram.

[...] A descentralização operada pela genealogia nietzschiana, o tema opôs a busca de um fundamento originário que fizesse da racionalidade o *telos* da humanidade e que prendesse a história do pensamento à salvaguarda dessa racionalidade, à manutenção dessa teleologia e à volta, sempre necessária, a este fundamento. (FOUCAULT, 1987, p.15)

Esta é uma pesquisa de desenvolvimento de uma genealogia das práticas discursivas produzidas acerca da mulher na escola, que tem buscado suas implicações desde o modelo moderno de educação às experiências contemporâneas. Por conta disso, me volto a estudar a interseção da mulher na educação de forma mais profunda e apporto também em discussões contemporâneas acerca de uma escrita feminina como a apresentada no livro *A aventura de contar-se* da escritora Rago (2013), que procura desconstruir poderes e dispositivos acadêmicos na produção acadêmica que têm sito eminentemente masculinos e falocêntricos.

A genealogia não pretende recuar no tempo para restabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é a de mostrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso uma forma delineada desde o início. Nada que se assemelhasse à evolução de uma espécie, ao destino de um povo. Seguir o filão complexo da proveniência é, ao contrário, manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou ao contrário as inversões completas – os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente. Eis porque, sem dúvida, toda origem da moral, a partir do momento em que ela não é venerável – e a *Herkunft* nunca é – é crítica. (FOUCAULT, 1979, p.31)

Portanto, este é um estudo de abordagem genealógica, com a finalidade de compor um processo de pesquisa que compreenda as subjetividades dos sujeitos de pesquisa, a partir dos elementos do sensível e demais impressões que permeiam o social. Esta pesquisa tem se

movimentado para compreender diversos modos de subjetivação que constroem as práticas discursivas sobre a mulher na escola, as quais conduzem a mulher a enquadramentos sociais.

Desenvolvi entrevistas semiestruturadas voltadas a compor narrativas de três professoras dos primeiros anos do ensino fundamental. Realizei dois blocos de entrevistas com mulheres/professoras, que ainda atuam no ensino fundamental, no povoado Triunfo, da cidade de Simão Dias/SE. Os resultados foram muito produtivos, em que foram compostas longas narrativas orais autobiográficas do fazer docente. A abordagem de análise é o desenvolvimento de uma genealogia da construção do conceito mulher, por meio das narrativas de si destas professoras. Dentro da perspectiva de Foucault de pensar a escrita de si,

O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica portanto uma "introspecção"; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo.(FOUCAULT, 2004, p.157)

A pesquisa de campo me permitiu compreender as indicações de como trabalhar essas trajetórias de docência e os conceitos que a permeiam. As entrevistas realizadas foram orais, gravadas, posteriormente transcritas para proceder à análise.

Encontros com as professoras do Triunfo

A educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo. Para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. (GALLO, 2012, p.1)

São múltiplas as marcas que nos atravessam no caminho infinito da formação docente. Esta é uma longa trajetória em que há encontros e desencontros, porque estamos lidando com a educação. Quantas vezes, na profissão docente, nos esforçamos para planejar e fazer diferente a cada aula? Contudo, nem sempre nossos alunos nos dão as respostas que esperamos, porque estamos lidando com o inusitado provocado pelas interseções das diferenças presentes nas salas de aulas.

Em meio a estes encontros e desencontros fui compondo esta pesquisa, na fala dos

alunos, nas experiências com o lugar. Dessa forma, fui observando as produções discursivas acerca da mulher na comunidade, que fui pensando como iria desenvolver meus caminhos de pesquisa.

Aos poucos fui percebendo como as alunas já chegavam a ensino fundamental maior, carregadas, ou melhor, impregnadas do conceito mulher que é construído e ensinado a elas na contemporaneidade. Comecei a esboçar a pesquisa e a possibilidade metodológica que entendia ser possível pensar as relações de poderes que compõem saberes acerca da mulher na educação, seria a genealogia. Para a composição dessa genealogia precisava compreender as produções discursivas, como suas diversas instâncias estão presentes nas escolas de ensino fundamental menor. Diante destas questões pensei na escrita de si, porque “escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (FOUCAULT, 2004, p.156). Para Margareth Rago, quando trata das narrativas das mulheres do movimento feministas,

A noção de “escrita de si” é fundamental, nesse contexto, para diferenciar os discursos autobiográficos dessas militantes das autobiografias confessionais tradicionais, em que o indivíduo parte para uma busca introspectiva de si, pela escrita, tendo em vista reencontrar sua verdade essencial supostamente alojada no funda da alma, na própria interioridade. Aqui, ao contrário, trata-se de assumir o controle da própria vida, tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela “escrita de si”. (RAGO, 2013, p.52)

Por conta da escrita si, que na pesquisa entendo como uma narrativa de si, como proposta por Rago, partir em busca de professoras do Povoado Triunfo, que pudessem ser parte da pesquisa. Como se tratava das séries iniciais do ensino fundamental, busquei nas duas escolas do povoado, que atendem a essa faixa etária. Foram nas escolas do Triunfo que encontrei com Maria, Joana e Lucy que estão na composição desta pesquisa.

Narrativas de professoras

O trabalho que a carta opera rio destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica, portanto uma "introspecção"; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo. (FOUCAULT, 2004, p.254)

Para a pesquisa foram escolhidas três professoras das séries iniciais do ensino fundamental, do povoado Triunfo localizado na cidade de Simão Dias/SE. Estas três professoras trato como muitas outras, por isso o plural nelas, porque são intensas as subjetividades presentes em suas narrativas.

As entrevistas semiestruturadas foram feitas com Maria em sua casa, com Joana e Lucy na escola durante os intervalos. Utilizei um roteiro com questões abertas que tratavam das experiências da formação e atuação docente, marcas, ser professora/mulher, o conceito de coeducação, presença da mulher na educação e demais elementos que foram acionados no decorrer das entrevistas. Após a transcrição me dediquei a selecionar trechos, a partir da análise das falas, para compor as linhas que estão presentes neste texto.

São muitas as passagens em que as Marias, Joanas e Lucys estão compartilhando suas experiências e ao mesmo tempo refletindo sobre sua atuação docente. As suas narrativas trazem para a pesquisa conceitos, marcas, experiências que compõem produções discursivas acerca da mulher na educação, em suas salas de aula. Acredito que estes momentos em que colocam em xeque sua atuação, observam como atuam, questionam-se, afirmam, e acabam por movimentar seus entendimentos sobre as questões são movimentos fundamentais para a pesquisa que está lidando com o humano, com a vida.

Penso que estes momentos na pesquisa produzem marcas na formação docente. Maria quando aborda as marcas de sua experiência diz que: “Tem sido a cada dia um aprendizado. A gente aprende demais com nossos alunos. Principalmente, apesar de eu ser do campo, mas eu aprendo muito com eles”¹. Percebo em sua fala como a relação com o lugar é marcante na sua trajetória docente, como compreende a relação de seus alunos com o meio social em que vivem, e que este lugar tem significados marcantes em sua formação docente, desde a aluna que foi nas primeiras letras, passando pelas primeiras experiências docentes até o momento atual. Ser professora, para Maria é lidar com os aprendizados diários.

Para Joana, sua condição docente não foi algo planejado, e já inicia sua narrativa demonstrando como isso é algo marcante, quando ela afirma que: “A minha condição docente foi um acaso que acabou dando certo, porque quando eu entrei na escola quando eu era pequena, eu não tinha uma profissão certa que eu quisesse ser”². Porque nem sempre é pelo desejo, que nos encaminhamos para ser professores. Joana é um desses exemplos de pessoas que optaram pela docência não pelo desejo de ser professora, mas pela necessidade da escolha.

¹ Maria. **Entrevista I.** [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

² Joana. **Entrevista II.** [31 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

Eu penso que qualquer profissão não se tem por um momento, somos algo com todas as linhas que nos percorrem. Não há como separar esse emaranhado que nos compõem. Ser professor(a) é uma força que ultrapassa qualquer barreira. Somos professoras em qualquer lugar, distância ou momento.

Ainda não podemos esquecer que a educação é permeada de encontros alegres e tristes, a sala de aula sempre está pronta a nos tirar o chão, esse movimento inusitado faz parte do tornar-se professora. Joana vivencia experiências como estas em seu cotidiano, quando afirma que: “[...] tem também as experiências marcantes que já não são tão boas, que é quando chego na escola com uma aula preparada e não consigo dar aquela aula. Isso acaba marcando, porque você pensa em fazer diferente”³.

Para Lucy a profissão docente foi algo que aconteceu no decorrer de sua adolescência até o momento de sua escolha, como expõe: “não pensei em momento algum em fazer outra coisa”⁴. Sabemos o quanto é necessário que pessoas impregnadas do fazer docente tornem-se professores.

Estes são trechos das narrativas das professoras, das Marias, Joanas e Lucys, que não são muito diferentes de nós e das professoras que passaram por nossa formação. Somos um pouco de cada uma delas.

O Triunfo como lugar

[...] era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. (CALVINO, 1990, p.21-22)

Para uma genealogia, que trabalha com narrativas de si, eu poderia ter escolhido qualquer escola de Aracaju ou de outro município do Estado. O que me motivou, como pesquisadora, a lançar meu olhar para este objeto poderia ter ocorrido em qualquer escola, em qualquer lugar, em que se pode compreender as produções discursivas e saberes sobre a mulheres. Contudo, há quatro anos eu nem conhecia o Triunfo. Fiz concurso para ser professora do Estado no interior, mas não conhecia a cidade que fui lotada. Não conhecer foi um achado. Uma motivação constante ao devir pesquisadora.

³ Joana. **Entrevista II**. [31 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

⁴ Lucy. **Entrevista III**. [02 set. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

O povoado Triunfo fica no município de Simão Dias, em Sergipe, localizado há 120 km de Aracaju. Trabalho em uma das três escolas da comunidade, no fundamental maior e médio, e, quando passei a pesquisar a produção discursiva na escola sobre a mulher comecei a pensar em um lugar de pesquisa, e como minha motivação foram as alunas, que chegam a minha escola vindas das outras duas, pensei que estes seriam os locais para desenvolver a pesquisa.

Cheguei ao lugar como a personagem viajante do Calvino que encontrava com lugares desconhecidos, mas que pareciam conhecidos, os conceitos estavam ali, pareciam desconhecidos e longe de mim. Contudo, eram próximos e me faziam compor estes elementos de pesquisa.

O pesquisador precisa ter um conhecimento do lugar que irá pesquisar, entender as nuances da comunidade, vivenciar os lugares, compreender suas mudanças e permanências. Entretanto, eu não conhecia as professoras que fazem parte desta pesquisa, eu conhecia pessoas que facilitaram o acesso à elas, mas conhecia como funcionavam as escolas, horários e onde poderia encontrá-las na comunidade. Assim, fui organizando o processo das entrevistas, para que eu tivesse momentos em que as professoras estivessem confortáveis e pudessem falar sem preocupação com o tempo. O resultado disso foram entrevistas muito produtivas, que permeiam as páginas deste texto.

Entre as professoras do Triunfo Maria é a que vivenciou mais a comunidade, porque é o seu lugar natal, onde estudou as primeiras letras e as brincadeiras da infância. Como é uma comunidade de agricultores em suas palavras desvelam-se a relação da professora como o lugar.

A questão do plantio aprende com eles. Assim, sempre é um aprendizado. O nosso livro é um livro de educação no campo e eles sempre dizem: eu faço isso, lá na roça é assim. Por mais que se diga: criança não é para está na roça, mas o próprio livro traz que a criança pode ajudar. Ai eles comentam: eu não vim porque estava trabalhando. Às vezes eles querem sair para ficar, eles dizem: hoje eu vou sair para ficar com meu pais, que só assim eu ganho um dinheirinho.⁵

Maria também conta da relação dos aspectos morais do lugar com relação ao comportamento de seus alunos, que conta das experiências com um aluno que não queria vestir uma roupa que lembrava ser um vestido, porque sua família não iria gostar.

No folclore teve uma coisa interessante que cada sala ficou de apresentar uma lenda de lobisomem, e nós queríamos uma criança. Pegamos TNT preto

⁵ Maria. **Entrevista I.** [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

e fizemos. Um aluno ia narrar a história. E um disse que não ia vestir não porque era um vestido de mulher. Ai eu disse que homem pode, que em outros países e religiões que as pessoas vestem. Até mostrei a guarda da rainha. Ele aceitou, mas não podia tirar foto para a família não vê, porque a gente esbarra nessa questão e tem que ter o cuidado de não ferir os princípios da família e aos poucos a gente tenta ir trabalhando essa parte.⁶

Esse elemento é uma constante em uma comunidade que tem uma relação muito próxima à escola. Como também afirma Lucy: “Não foi tão diferente aqui, porque os pais ainda acompanham. A gente não vê mais quando eu comecei. Eu insisto, porque não tem nada que substitua o que a família faz em casa, nenhum professor. Pode ser o melhor de todos se a família não tiver do lado”⁷.

Joana entende que não tem muito entendimento acerca da comunidade, por que é da cidade de Simão Dias e se descola para o Triunfo, que fica há cerca de 10 km da cidade. Pensando a sua relação com a comunidade ela diz: “Da comunidade aqui eu não tenho tanto conhecimento que eu não sou dessa comunidade. Não vejo como é a organização social aqui fora o que vem para dentro da escola”⁸. Contudo, compreende como a comunidade rural do Triunfo e seus aspectos morais incidem na escola.

Conclusões

Este trabalho com as entrevistas me reforça a compreensão de que precisamos buscar narrativas que não sejam uma repetição misógina. As mulheres e as diferenças têm direito da presença nas discussões acadêmicas e para além delas. Temos direito à História, fazer parte dela, porque precisamos compor novas possibilidades de ser, aliás possibilidades outras.

Aliás, para pensar a mulher sob as óticas da História, Filosofia, Antropologia, Sociologia, Psicologia, e diversas outras, é necessário ampliar os campos de estudos. Tenho o entendimento de como a escolha por conceitos e autores que transitam nestes diferentes campos está sendo fundamental para acionamentos tomados, até pela perspectiva rizomática desta pesquisa. Não podemos esquecer que para falar de mulher temos que pensá-la onde elas estão, e por muito tempo na história elas estiveram no privado, e não foram atreladas a conhecimento ou à sua produção.

Repito somos mais que belas, recatadas e do lar, e precisamos ter cuidado com o discurso do neoliberalismo que tem capturado até o movimento feminista. Tem se

⁶ Maria. **Entrevista I.** [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

⁷ Lucy. **Entrevista III.** [02 set. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

⁸ Joana. **Entrevista II.** [31 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

estabelecido um regime de verdades contemporâneas, que enquadra a mulher sob aspectos que parecem de alteridade, mas agem de forma a legitimar um lugar menor e processos de desigualdade para as mulheres.

Referências

FELDENS, Dinamara Garcia. **Cartografias da ditadura e suas moralidades: os seres que aprendemos a ser.** – Maceió: EDUFAL, 2008.

_____. **A trama e o destino:** Luízas, Rosas, Bias & Joanas. Maceió: EDUFAL, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** – Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.

_____. **História da Sexualidade 1:** a vontade de saber. – Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1994.

_____. **História da sexualidade 2:** o uso dos prazeres. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade 3:** o cuidado de si. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **Michel Foucault: Ética, sexualidade, política.** Manoel Barros da Motta (org.). - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Microfísica do poder.** Roberto Machado (org). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação.** – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Eu o outro e tantos outros:** educação, alteridade e filosofia da diferença. Disponível em: <www.grupodec.net.br/ebooks/GalloEuOutroOutros.pdf>. Acesso em: 20.01.2012. 16 p.

PENNAC, Daniel. **Diário de Escola.** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.